

O ESTUDO DAS MARCAS LINGUÍSTICAS TEXTUAIS COMO BASE À LEITURA PROFUNDA

LINCK, Ieda . Donati.¹ OURIQUE, Yago Dornelles; SOARES, Diulia Luísa Hartmann²

Palavras-chave: Leitura profunda. Subentendidos. Implícitos. Ideologia.

Introdução

Analisar os implícitos no discurso é uma prática que consiste em identificar as verdadeiras opiniões do indivíduo subentendidas no texto, e também um campo da linguística e da comunicação especializado em analisar construções ideológicas presentes em um texto, midiático ou não. A análise do discurso pode ser feita também no dia a dia, pois, de forma geral, as pessoas maquam suas verdadeiras vontades, opiniões, ideias, sentimentos e preconceitos, porém, as marcas linguísticas textuais, quando percebidas podem apontar aquli que realmente se quer dizer.

Métodos e Metodologia

Durante dois semestres, alunos da disciplina de Português estudaram a análise linguística textual. A partir da proposta trabalhada em aula, de analisar os tipos de discursos presente nos mais diferentes textos, este trabalho vai mostrar que o que realmente se quer dizer parece ficar implícito, mas é revelado quando observamos as marcas linguísticas presentes no texto.

O objeto deste trabalho é a entrevista do arcebispo Dom Dadeus Grings, publicada no jornal Zero Hora, no dia 4 de junho de 2010. Para identificar o implícito, ou seja, o que realmente o arcebispo diz, são analisadas as Marcas Linguísticas Textuais (MLTs), com base nas teorias de Ingedore Villaça Koch, e em Eni Orlandi em relação aos tipos de discursos e as questões ideológicas.

Resultados e Discussões

No texto publicado no jornal Zero Hora, o repórter Carlos Etchichury entrevistou o Arcebispo Metropolitano Dom Dadeus Grings, considerado a principal autoridade da igreja católica no Rio Grande do Sul. O assunto da entrevista foi a exposição do religioso na abertura da 48ª

¹ Orientadora. Professora de Português da Unicruz. Mestre em Educação. Mestre em Linguística pela UPF. imdlinkc@gmail.com Membro do Grupo de Estudos Linguísticos - GEL

² Acadêmicos do 3º semestre de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo. yagourique@hotmail.com; diulia_soares@hotmail.com.

Assembleia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, afirmando que a participação da Igreja nos casos de abuso sexual no mundo é pequeno, 0,2%. O título da entrevista já expõe algumas opiniões do entrevistado, pois é uma frase dita pelo próprio “A pedofilia não é ‘privilégio’ da Igreja”. Em uma leitura de superfície, todos enxergam que a palavra “privilégio” está entre aspas, porém, no léxico, privilégio remete a algo bom, algo agradável.

Com base no texto, Eni Orlandi (1996, p.87) toda leitura tem sua história, há então a “possibilidade de se ler um texto de várias maneiras”. O texto mostra que o Bispo tentou amenizar o percentual de casos de abuso registrados na igreja, porém, o índice é mundial. Segundo o *Annuario Statisticum Ecclesiae* de 2006, o número de membros registrados era de 1.114.966.000 no último dia de 2005, aproximadamente um sexto da população mundial. Além disso, a imagem que o arcebispo tem do leitor é muito limitada, pois acredita que os receptores não vão entender a dimensão do caso. O percentual de 0,2% é um número expressivo, pois está baseado em dados mundiais e a população religiosa é pequena em relação às outras comunidades.

O arcebispo se utiliza de discurso científico, conforme Orlandi (2003), pois exterioriza a pedofilia para países como a Alemanha e os Estados Unidos, baseando-se em pesquisas realizadas nesses países. No trecho “Nós queríamos que tivesse na igreja tolerância zero. Mas temos pedofilia em 0,2% na igreja”, o verbo é fraco e o sentido não indica que isso deve acontecer na sociedade, apenas na igreja. Então, a pedofilia é tolerável na igreja? Conforme a linguística textual, com base em Koch(2002), tudo o que realmente queremos dizer vem depois do “mas”. Portanto, o religioso afirma que há pedofilia na igreja. Além disso, quando ele usa o termo “temos”, se inclui onde há pedofilia. O arcebispo diz que queriam tolerância zero na igreja, logo, como cidadão, como sujeito, ele se isenta. Será que há uma ideia de permissividade da pedofilia em outros contextos, que não integre a igreja?

Adiante o religioso coloca: “O problema da pedofilia é que a sociedade é pedófila.” Nessa frase, subentende-se que se a sociedade não fosse pedófila, a pedofilia não teria problema, porque ele diz que o problema é “da” pedofilia e não “a” pedofilia em si. Em seguida, no trecho: “O problema é da sociedade como um todo, não só da igreja. A igreja está na sociedade, e também sofre”. Aqui, ele tenta se corrigir ou amenizar a gravidade do que disse anteriormente, afirmando que o problema, na verdade, é da sociedade como um todo e finaliza a afirmação amenizando a culpa da igreja, sem o repórter sequer ter mencionado a igreja na pergunta. Nesse sentido, ele separa a igreja da sociedade, mas seria a igreja uma ilha? Logo depois, ele se contradiz usando o termo inclusivo “também” para mostrar que a igreja também sofre. Mas sofre o quê? Quem além da igreja ele diz que sofre? Por que ele usa o “também”? Será que é o reconhecimento do sofrimento das

crianças com os abusos? Nessa parte, ele se utiliza do discurso autoritário sustentado ideologicamente pelo poderio da igreja, cujo discurso é unívoco, inquestionável e dominador.

Dom Dadeus coloca a responsabilidade na sociedade: “A sociedade precisa de se dar conta da gravidade do assunto”. E a igreja novamente é retirada, e até não poderia ser diferente, pois da forma como ele se refere parece que a igreja não faz parte do contexto. Quando será feito um balanço interno para ter dados de quantos membros católicos estão envolvidos em escândalos sexuais? No fragmento “todas as crianças têm mais afinidade com as do mesmo sexo até a adolescência quando começam a bifurcar, meninos procuram meninas e meninas procuram meninos”. O interlocutor permanece em um discurso autorizado e faz referência ao conhecimento científico. Dom Dadeus Grings não expôs uma sequer opinião própria. Ele se esconde o tempo todo em discursos autorizados, científicos e não usa nunca a própria opinião. Há uma incoerência contextual, pois ele separa a igreja da sociedade e ele da igreja. Em seguida, mostra que ele não faz parte da igreja que abusa, mas da igreja que condena isso, sendo seu porta-voz na entrevista.

Para evitar que o assunto seja polemizado, o Bispo afirma que a palavra homossexualismo não se aplica a crianças, pois geralmente é encarada com sentido sexual. No trecho “Já pensou se isso se espalha no mundo? Deixa de ser crime e se torna algo normal” passa um sentido de “indignação” do Bispo em relação aos deputados holandeses que são a favor da pedofilia. O religioso afirma que os números que ele divulga são de estudos feitos nos EUA, discurso científico. Ele culpa os meios de comunicação como causadores desta mostra de sexualidade. “A sexualidade ficou muito exposta nos meios de comunicação.”. Na expressão “Que divirtam-se” o bispo usa de ironia para comentar a “desordem” na sexualidade, mas em que afetaria a igreja? Ela não está acima dos meios de comunicação e livros didáticos? Essas expressões se tratam de fuga do tema central, que é a sexualidade/pedofilia no meio religioso. É perceptível que os comentários feitos nesse trecho desviam a atenção e a culpa da pedofilia para a sociedade em geral.

Quando compara os EUA com o Brasil, Dadeus se contradiz: primeiro afirma que pode se basear em um estudo no outro país, após isso, ele diz “Os EUA são meio desequilibrados nesse campo”, “como foi o primeiro país a liberar toda esta história de sexualidade começou a exagerar em alguns aspectos”. No único momento em que o arcebispo é convocado a usar opinião própria, ele se nega a responder a questão. No último trecho do diálogo: “ZH – De onde partem as críticas? Dom Dadeus – Não quero dizer. ZH – Por que? Dom Dadeus – Porque depois vocês (imprensa) dizem o contrário. Todo mundo sabe. ZH – Eu não sei. Dom Dadeus – Mas eu não preciso dizer tudo.”.

Conclusões

Ao analisar o as marcas textuais da entrevista, percebemos que os implícitos estão presentes em todos os discursos no dia a dia. Tudo o que é falado, escrito, fotografado mostra, de forma inconsciente, os verdadeiros pensamentos, preconceitos e crenças. Não há como fugir, pois nos entregamos pelo texto, sempre.

O arcebispo Dom Dadeus, conforme análise, foi muito infeliz ao conceder essa entrevista. Mesmo que ele tenha se utilizado de recurso autorizado, científico, etc., ele concorda com os dados apresentados, e isso é importante perceber. Sabemos que a igreja é contra a pedofilia, mas ele dá oportunidade para ser criticado pelo fato de ele considerar a presença desse tipo de crime um “privilégio”, pois parece que abranda essa prática. Talvez se ele tivesse substituído o termo acima por “perversão”, nem estaríamos analisando essa reportagem. E, quando a pergunta feita ao arcebispo não deixa ele se utilizar de nenhum outro tipo de discurso, quando é exigida uma resposta dele mesmo, ele se nega a responder, foge da resposta. Isso mostra que ele realmente respondeu essa entrevista com o discurso dos outros: da igreja, das pesquisas americanas, alemãs pronto, ensaiado.

Em se tratando do tema e com um conhecimento prévio do trabalho feito pela imprensa, o arcebispo teve a possibilidade de prever algumas perguntas, que deveria responder como porta voz de uma instituição que teoricamente condena a pedofilia. Caso ele não tivesse “ensaiado”, as respostas seriam muito mais pessoais e, com certeza, mostrariam mais ainda a ideologia que constitui o sujeito.

Referências bibliográficas

GALVES, Charlotte. **O texto: leitura e escrita**. Campinas: Pontes, 2002.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e Leitura**. 3ª edição. Cortez; Campinas, SP. Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1996. Coleção Passando a Limpo.

_____, Eni. **A linguagem e seu funcionamento**. São Paulo: Pontes, 2003.

KOCH, Ingidore Villaça. **Argumentação e linguagem**. São Paulo, Cortez, 2002.

_____. **A interação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.